

RESSIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO FEMINISTA.

Alexandre Bomfim dos Anjos¹
Maria Amélia Chagas Gaiarsa²

RESUMO

O discurso feminista em seu teor clássico tende ao radicalismo, tecendo teorias sexistas na sua relação com o gênero oposto, aproximando-o de uma quase preleção machista. O poder fálico não desaparece dentro desse discurso, contudo se faz presente fortemente como um balizador para as relações intergêneros, sendo cooptado do machismo, seu poder simbólico, para justificar as ações radicais de um grupo que acredita que a adoção de uma postura mais universal e humanista venha a desvirtuar os ideais de igualdade presente no discurso feminista. O interesse deste artigo não é desconsiderar o valor do discurso feminista como um agente transformador da sociedade, que a tira do pseudo-autoritarismo quase teocêntrico em seu discurso justificador de uma sociedade fálica, para um modelo práxis de uma sociedade igualitária, universal. O que se busca analisar neste artigo é o discurso clássico de um feminismo sexista, que se embasa numa constante belicista com o sexo oposto indo para uma quase heterofobia discursiva. O embasamento teórico para as análises se apoiará na teoria da análise do discurso francesa de Michel Pêcheux e na filosofia feminista de Andrea Nye.

Palavras-Chave: Feminismo clássico. Sexismo. Poder fálico. Universalidade. Discurso.

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos minoritários surgem como uma proposta reivindicatória em prol de uma sociedade mais justa e equânime na sua relação com todos os seus partícipes. Dentro desta visão de uma busca por novos valores que possibilitem a aquisição de uma lei que torne a sociedade mais justa, a necessidade de uma revalorização do gênero feminino se faz gritante e exige para si uma postura inicialmente conservadora para se impor dentro de uma sociedade fálica.

No entanto é perceptível que, apesar de todos os esforços para a adoção de novas posturas em relação às mulheres, os avanços na direção de uma nova realidade que abranja ambos os sexos como um único sexo, com direitos sociais iguais, ainda carece de um entendimento melhor. Essa falta de uma compreensão universalista incapacita a transformação da sociedade em algo idealizado, aproximando o feminismo em seu discurso clássico de um ideal sexista idêntico ao machismo.

Com base nesse espectro de um discurso feminista radical próximo ao machismo, é que este artigo surge com o objetivo de analisar a preleção feminista dentro de uma visão calcada na análise do discurso de Michel Pêcheux, onde o sentido do discurso está além da

¹ Graduando do curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador. Graduado em Comunicação Social em Publicidade e Propaganda. Membro do NEAD (Núcleo de Estudos de Análise do Discurso)

² Doutora em Letras pela UFBA, Mestra em Língua portuguesa pela PUC-SP, Especialista em Leitura e Análise do Discurso pela UCSal, Graduada em Letras com Inglês pela UCSal, Líder do Núcleo de Estudos em Análise do Discurso (NEAD/UCSal) e professora da UCSal. E-mail: magaiarsa@hotmail.com

literalidade do seu dizer, através do interdiscurso constitutivo do que está dito. Conforme afirma Orlandi (2005, p.15),

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Nesta visão o enunciado deixa de ser somente o dito, pois este é interpelado por diversos dizeres subjacentes ao seu dizer. A historicidade se faz presente como aquilo que não se apresenta explicitamente, mas que traz uma miríade multifacetada de diversas interpretações dentro de uma coerência ligada ao que é dito. Nisso o enunciado, apesar da sua materialidade imutável, poderá ser produzido a partir de diversas enunciações através dos tempos.

Se o enunciado “homem não chora” trazia em sua historicidade o interdiscurso de força, domínio das emoções, hoje esse mesmo enunciado apresenta outro interdiscurso, de ignorância, imaturidade e insegurança. Com isso as formações discursivas mudam representando as novas formações ideológicas. Então entende-se o interdiscurso como [...] *todo conjunto de formações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos*, (Orlandi, 2005, p.33).

Para ilustrar essas questões, traz-se como fonte de análise do discurso feminista e o seu interdiscurso machista, o texto de Clarisse Lispector, *Devaneio e Embriaguez duma Rapariga*, que pode ser analisado como um conto de defesa do feminismo. Mas, conforme analisado, poder-se-á ter outro entendimento do conto, que servirá de exemplo para mostrar a ambiguidade do discurso feminista clássico.

O que justifica o interesse em se analisar esse discurso, que tende ao machismo em certos pontos, quando ratifica a separação entre os gêneros e a adoção de práticas comumente masculinas como uma forma de impor seus ideais, é o fato de o próprio discurso clássico feminista se opor à adoção de ideais universalistas, que jazem presentes no próprio feminismo quando busca uma igualdade de direitos sociais e materiais. Com essa atitude ambígua dentro do próprio feminismo, a sua tendência será entendida como uma existência pela oposição e não uma existência pela própria vontade de existir, reduzindo a mero objeto a noção de um estado de igualdade intergêneros.

2 RELENDO O DISCURSO FEMINISTA

O que se pretende não é desconsiderar o valor do discurso feminista como um agente transformador da sociedade, tirando-o do pseudo-autoritarismo quase teocêntrico em seu discurso justificador de uma sociedade fálica, para um modelo práxis de uma sociedade igualitária, universal. O que se busca analisar é o discurso clássico de um feminismo sexista, que se embasa numa constante belicista com o sexo oposto indo para uma quase heterofobia discursiva. Conforme Andrea Nye (1991, p.15) as bases que constituem o feminismo em seu discurso clássico de defesa daquilo que é subjugado, parte de modelos e estruturas machistas,

tendo, é claro, que toda estrutura social vigente na época se pautava em um paradigma machista. Portanto não pode o discurso feminista em seu início seguir outro caminho, assimilando os ideais androcêntricos e uma preleção sexista como base para o seu discurso, como fica claro no dizer da autora:

...sentindo a injustiça em toda parte à sua volta, procurando algum modo de dar sentido à sua experiência e projetar um programa efetivo para ação futura, as mulheres têm adotado teorias, sistemas e categorias inventadas pelos homens para racionalizar e justificar as atividades dos homens. Talvez nessas teorias que os homens vislumbram para regular suas relações — raciocinam as mulheres — possa haver alguma coisa adaptável aos propósitos feministas. As mulheres poderiam tomar os argumentos do próprio adversário, voltá-los contra ele, e gerar uma sociedade humana que incluísse as mulheres. (Nye, 1991, p.15)

Com isso a construção da identidade feminina neste viés passa pelo mesmo caminho de construção da identidade do homem, da ideia do sexo invertido:

...A representação da vagina como um falo invertido, que Marie Christine Pouchele descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média, obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas. (Bourdieu, 2007, p.23)

Assim o sentimento de falta da genitália, presente na mulher quando em seu primeiro contato com o gênero oposto, enquanto órgão sexual, dá lugar ao sentimento de castração, sendo este um sentimento de cunho masculino; e com isso, ao assumir esta sensação, o gênero feminino passa a buscar o poder enquanto falo, em uma tentativa de expor o seu poder através de uma inversão de papéis, assumindo uma postura próxima da masculinidade, uma retroversão, uma exposição da sua genitália.

A mulher exige para si o papel que um dia coube a Urano, como ser dominante; no entanto, para que haja esta inversão de papel, o macho dominante tem que ser castrado daquilo que lhe dá poder, então a Cronos é incumbido o papel de castrador do pai:

Imenso, opressivo, Urano estende-se sobre Gaia. Urano totalmente estendido sobre a Terra-mãe, começa a fecundá-la, do seu seio nascerão 18 filhos, três deles ciclopes: Arges (o relâmpago), Brontes (o trovão) e Estéropes (o raio), criaturas de coração violento, gigantes providos de um olho apenas que lança chamas, também dá a luz a três criaturas de cinquenta cabeças e cem braços, os Hecatonquiros e depois gera os 12 titãs, sendo o mais novo Cronos.

Gaia continua deitada debaixo de Urano, que a oprime, sofre, mas permanece impotente. É então que Gaia, fonte de todo bem, concebe um plano, criando em si mesma o metal, forja uma foice que confia ao mais novo dos seus filhos, Cronos, com a missão de libertar o filho e esposo, o pai deles. Cronos espera pelo momento em que Urano vai novamente penetrá-la e, com um golpe, corta as partes genitais do pai. Por efeito da surpresa e da dor, Urano retira-se violentamente, libertando pela primeira vez o corpo de Gaia. E o céu ficará bem acima da Terra, que Urano só fecundará por altura das chuvas primaveris. (Gardin, 2011, p. 37)

Analisando essa questão, percebe-se que ainda se necessita do papel do homem enquanto símbolo para ter-se uma transformação nas relações intergêneros. O papel de Cronos é simbolizar a influência das estruturas patriarcais, que usadas pelo discurso feminista, libertam Gaia da opressão masculina. No entanto ainda se necessita de algo de cunho masculino para que haja uma quebra com o machismo, a foice, claro, dentro de uma visão clássica e radical do próprio feminismo.

Crítica aparente ao discurso feminista clássico se faz presente no conto *Devaneio e Embriaguez duma Rapariga* de Clarice Lispector. A personagem principal, enfadada da sua vida de mãe e esposa, se vê castrada em seus desejos e passa a sonhar com outra vida, à espera de um novo e verdadeiro amor que a realize; por isso, a presença do marido a faz se embriagar para torná-lo mais suportável. Se pautando na historiografia de uma sociedade machista enquanto realidade, o discurso do conto traz uma crítica a este modelo de sociedade.

A situação imediata presente na narrativa naquilo que é dito de uma dama da alta roda, que se fantasia em seus desejos para tornar a sua vida mais suportável, cede lugar a um discurso calcado nas bases ideológicas dos direitos iguais entre os gêneros, com base na declaração de direitos do homem, onde todos devem ter os seus direitos respeitados e serem tratados de forma equânime.

Porém, apesar da autora falar do lugar de poetisa, escritora, defensora dos direitos da mulher, o texto pode ter outra leitura, pautando-se na historicidade de que o discurso feminista se constrói nas mesmas bases de um discurso patriarcal.

O feminismo clássico, como foi expresso anteriormente, centra-se na constante fatalista da existência pela oposição; então vemos no conto que sua narrativa em alguns pontos importantes centra-se na figura do homem enquanto desejo, enquanto domínio, enquanto poder capitalista.

A rapariga torna-se mulher e, enquanto sozinha em seu quarto, em seu leito, passa a desejar, a sonhar; aqui ela tem a posse de si, dos seus desejos. Então neste ponto pode ser entendido o interdiscurso de que a mulher só pode tornar-se mulher de fato se esta não tiver a presença do homem enquanto poder, no entanto pode se considerar que, “*A discussão em torno da masculinidade expressa mudanças em relação à aceitação social do arbitrário poder masculino e de sua hegemonia dentro do regime de gênero vigente nas culturas contemporâneas ocidentais*” (Oliveira, 2004, p.142), então este tornar-se mulher passa a ser uma ilusão por ser ainda um mero desejo, pautado na ilusão de poder atribuído ao gênero masculino.

Ver outra mulher mais jovem, mais formosa, cabe-lhe a inveja e desdenhar da imagem da jovem, duvidar da sua moralidade. Um chapéu é motivo para questionamentos, o medo de perder o seu posto, o seu poder adquirido pela bacante eloquência, o risco da atenção masculina poder ser direcionada para a jovem, é o símbolo fálico, o centro desse pecado capital. No entanto, como quebrar com as barreiras fatalistas da concretude materialista se, como visto, as regras vigentes de um sistema acabam por permear o próprio contra discurso?

Se a linguagem que as mulheres falam, na qual devem falar, é matizada de sexismo, um sexismo mais profundo que um léxico revisável, se a gramática da linguagem em si reflete o pensamento masculino, então nada que as

mulheres possam dizer ou escrever na linguagem existente jamais poderá ser verdadeiramente feminista. (Nye, 1991, p.15)

A personagem traz à imagem da mulher o seu papel como um ser vaidoso na passagem: “[...] o *roupão aberto deixava aparecerem nos espelhos os seios entrecortados de várias raparigas*”. Essa imagem vaidosa, erotizada da feminilidade, se apresenta como uma redução das potencialidades femininas a um único aspecto da personalidade do ser feminino, o da beleza como único atributo da mulher enquanto ser, que somada à constante da masculinidade simbólica presente no texto, ratificam a argumentação de que o discurso clássico do feminismo é uma preleção próxima ao machismo, tendendo a igualar as mulheres naquilo que enfraquece o homem em caráter: seus vícios.

...No sábado à noite, embriagada na Praça Tiradentes, embriagada, mas com o marido ao lado a garanti-la, e ela cerimoniosa diante do outro homem tão mais fino e rico, procurando dar-lhe palestras, pois que ela não era nenhuma parola d'aldeia e já vivera em Capital. Mas borrachona a mais não poder. E se seu marido não estava borracho é que não queria faltar ao respeito ao negociante... (Lispector, 1998, p.3)

A liberdade sexual passa a oscilar entre a construção de uma sociedade sexualizada, livre do sentido do sexo enquanto tabu, e de uma sociedade erotizada, presa a um discurso pornográfico. Não se deve estabelecer uma falácia ingênua, tendendo à imagem romântica da mulher, mas o que se almeja é deixar claro que ao aproximar demais o discurso feminista do discurso machista, o primeiro tende a falir naquilo que deseja, como a personagem do conto de Lispector. Sua insatisfação de nada adianta, pois não existe movimento para mudar, sendo este conto de forma proposital, ou não, uma crítica também ao próprio feminismo, pois claro leva em consideração outro interdiscurso, de que homens e mulheres podem ser igualados enquanto seres biológicos, desconsiderando características e limitações inerentes a cada gênero; por consequência, levando a um desrespeito as características femininas presentes em sua biologia. Com isso este interdiscurso vai diferir do primeiro, pois partirá de outro tipo de enunciação, onde o feminismo clássico não considera as diferenças imanentes a cada gênero, igualando-se ao ideal machista.

Não há mudança de posição, Urano continua acima de Gaia, o gênero feminino ainda é visto como segundo sexo, a linguagem jaz restrita às estruturas masculinas, às sintaxes e convenções de um mundo do patriarcado. Uma condição fatalista à qualidade da mulher se apresenta no conto:

Acordou com o dia atrasado, as batatas por descascar, os miúdos que voltariam à tarde das títias, ai que até me faltei ao respeito!, dia de lavar roupa e cerzir as peúgas, ai que vagabunda que me saíste!, censurou-se curiosa e satisfeita, ir às compras, não esquecer o peixe, o dia atrasado, a manhã pressurosa de sol. (Lispector, 1998, p.3)

Seu mundo se resume à realidade imediata do agora, do girar em torno da relação de domínio e da inquietude. Nisso, conforme Hume (apud Nye, 1991) às mulheres cabem somente o recato e a castidade e para os homens lhes cabiam os deveres oriundos de uma ordem natural de chefes do lar; dentro deste olhar, a personagem se submete à condição de um único papel, o de dona de casa.

Discurso diferente se faz presente no feminismo contemporâneo, que ainda considera o homem como parte do seu dizer, porém difere do seu caráter clássico quando não considera a oposição entre gêneros como crucial para a defesa de suas preleções, desconsiderando uma dicotomia maniqueísta entre homens e mulheres. O discurso contemporâneo de fato considera o papel do homem como importante para a construção de um ideário feminista, levando em consideração a ressignificação da masculinidade dentro de um contexto social. Com isso, o discurso feminista deixa o seu caráter ambíguo em relação a uma defesa de direitos equânimes, para assumir de fato aquilo que almejou desde o seu princípio: a universalização de direitos intergêneros.

Tal elocução em favor de um direito feminino, que de fato seja universal, surge quando a atriz Emma Watson, assumidamente feminista, Embaixadora da Boa Vontade da agência ONU Mulheres, adota uma postura em seu discurso ao reconsiderar o papel do homem como parte do feminismo, tornando assim a defesa dos direitos aqui já citados, uma defesa para todos os gêneros. Com isso procura o envolvimento de todos os sexos, não só as mulheres, pois para ela fica claro o erro de interpretação causado por um entendimento próximo à ideia fatalista de luta de classes: *“quanto mais eu falo sobre feminismo mais eu me deparo com a realidade de que lutar pelos direitos das mulheres, muitas vezes, vira sinônimo de guerra dos sexos”*. E continua:

Homens também não têm os benefícios da igualdade de direitos. Não falamos muito sobre a prisão que é viver os estereótipos de gênero impostos aos homens, mas percebo que o dia em que o homem se livrar disso, as mudanças para as mulheres serão simplesmente uma consequência natural. Se homens não precisarem ser agressivos para serem aceitos, mulheres não sentirão a obrigatoriedade em ser submissas. Se os homens não precisarem estar no controle, mulheres não precisarão ser controladas. (Watson, 2014)

No entanto essa noção de direitos encontra oposição entre as próprias feministas, claro que uma facção radical, que defende a separação entre gêneros, sendo tão sexista quanto o discurso machista, quando afirmam que a mulher só pode existir enquanto gênero sem a intromissão do masculino como parte da construção de um mundo socialmente mais justo.

Nesta visão sexista, a universalidade encontra o seu fracasso, pois acaba por admitir uma postura de benefícios para uns em detrimento dos direitos de uma maioria, adotando uma ideia de justiça social. Na inversão de sentido para uma defesa do feminismo, a ideia de ser mulher passa a atuar como uma ratificação para um direito diferenciado e não por uma justiça social inerente as particularidades que cada gênero possui, criando uma ideia de benefício por ser fêmea.

Então, dentro de uma visão multifacetada do que seja a compreensão de direito iguais intergêneros, a concepção sexista que permeia tanto o discurso machista, quanto à visão pretérita e radical do feminismo, pauta-se na dicotomia sexual presente no aspecto biológico dos gêneros.

Enquanto uns justificam na diferença biológica o motivo para a condição de servidão das mulheres, outros procuram elaborar propostas que fundamentem a ideia da não existência de uma diferença biológica presente nos organismos. Neste ponto, o feminismo clássico acaba por imbricar-se em uma série de considerações de consistência duvidosa, pois, para que exista

um discurso a favor da igualdade de direitos, é preciso que haja uma desigualdade de direitos, logo uma disparidade quando considerada a ideia de que somos iguais biologicamente, entrando em conformismo com a pretérita noção de sexo invertido. E nisso a defesa por direitos equânimes intergêneros se perde, pois ao negar a desigualdade, nega-se a igualdade e o papel de caráter universal presente no ideal feminista, acabando por restringi-lo a uma série de relações críticas de oposição com o gênero oposto.

Contudo, em uma primeira instância a diferença biológica se faz inegável, estando presente na lei como algo a ser reconhecido, tratando das questões de igualdade com a seguinte premissa: “*A verdadeira igualdade consiste em tratar-se igualmente os iguais e desigualmente os desiguais na medida de sua desigualdade.*” (Santos, 2010) .

Apesar de essa premissa ter uma abordagem ampla a favor das classes minoritárias, no que diz respeito às mulheres, reconhece as particularidades que o organismo feminino possui, entendendo que, para que haja uma efetiva igualdade material de direitos, é necessário reconhecer a diferença presente entre os sexos. A preocupação nessa instância não é igualar os gêneros naquilo que são irremediavelmente diferentes, mas igualar os sexos dentro de um âmbito interacionista, o social, não mais se embasando na existência da oposição, mas no reconhecimento das diferenças para que surja uma sociedade mais adequada e justa para todos.

É possível compreender que a formação ideológica presente tanto no discurso clássico, quanto no contemporâneo, pode ser o mesmo de igualdade de direitos, contudo as formações discursivas de ambas as visões do feminismo, podem seguir caminhos diferentes, de que as mulheres são subjugadas pelos homens, de que o sexo masculino expropria o gênero feminino do seu direito de ser mulher, de que homens e mulheres não podem atuar em prol de um mesmo ideal, de que as relações heterossexuais são relações de poder e submissão, isso no feminismo radical, clássico. Porém para o dizer contemporâneo as formações discursivas nos trazem o interdiscurso de que o feminismo é algo universal, de que homens e mulheres são capazes de caminhar juntos, de que a mulher se constitui enquanto ser independente da relação com o outro.

Os dois discursos se materializam nos seguintes dizeres: “*Os homens são os matadores e as mulheres os judeus nos campos de concentração nazistas, socializadas na docilidade pela ideologia masculinizante.*” Isso, segundo Nye, na visão radical de Andrea Dworkin, feminismo clássico (apud Nye, p.123), e, de acordo com Watson (Watson, 2014), “*Ambos, homens e mulheres, deveriam ser livres para serem sensíveis. Ambos, homens e mulheres, deveriam ser livres para serem fortes.*” com base em um ideal contemporâneo de feminismo.

E nesses dizeres a formação ideológica é a mesma, no entanto suas formações discursivas levam a dizeres específicos: um discurso radical de separação nunca poderia representar uma visão igualitária e universalista e o mesmo ocorreria com um intradiscurso universalista em relação a uma preleção clássica feminista.

Ambos os discursos representam uma realidade, no entanto o próprio signo ultrapassa essa realidade, e quando se toma o signo linguístico como exemplo, pode-se entender o texto de Clarisse Lispector com outro sentido, levando em consideração a subjetividade:

...Logo d'entrada percebera-a sentada a uma mesa com seu homem, toda cheia dos chapéus e d'ornatos, loira como um escudo falso, toda santarrona e fina — que rico chapéu que tinha! — vai ver que nem casada era, e a ostentar aquele ar de santa. E com seu rico chapéu bem posto. Pois que bem lhe aproveitasse a beatice! e que se não lhe entornasse a fidalguia na sopa! As mais santazitas eram as que mais cheias estavam de patifaria. E o criado de mesa, o grande parvo, a servi-la cheio das atenções, o finório: e o homem amarelo que a acompanhava a fazer vistas grossas. E a santarrona toda vaidosa de seu chapéu, toda modesta de sua cinturita fina, vai ver que não era capaz de parir-lhe, ao seu homem, um filho. Ai que não tinha nada a ver com isso, a bem dizer: mas já d'entrada crescera-lhe a vontade d'ir e d'encher-lhe, à cara de santa loira da rapariga, uns bons sopapos, a fidalguita de chapéu. Que nem roliça era, era chata de peito. E vai ver que, com todos os seus chapéus, não passava duma vendeira d'hortaliça a se fazer passar por grande dama...(Lispector, 1998, p.5)

Numa releitura radical, algumas feministas poderiam ver nesse trecho uma defesa de um espectro lésbico como ponto de justificação para um sexismo, tendo por base as ideias de Adrienne Rich (apud Nye, 1991, p.123) em que via as relações heterossexuais como algo não natural, impostas pelos homens à mulher. Em vez de considerar a relação da personagem principal com a jovem, como uma relação de confronto com base na existência do homem como símbolo de poder.

O que se busca mostrar é que mesmo que o texto *Devaneio e Embriaguez de uma rapariga* fosse um texto de fato feminista, em sua estrutura e com base nas diversas correntes feministas, ele passaria a ter várias interpretações, passando pelas ideias de Sartre sobre o existencialismo, quando este afirma que se que se *Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem*³ (Sartre, p.4) e as questões da construção do ser e do objeto, e atingindo as diversas interpretações sobre o que é ser mulher.

Contudo, com base no pensamento de Sartre, é possível entender que a personagem se constituiu como um objeto e não como um ser, pois durante todo o decorrer do texto ela continua na condição de não ser e conclui o texto ainda nessa condição. Aqui a personagem faz uma escolha, e conforme afirma Simone de Beauvoir “*A mulher tem que fazer uma escolha: ou será agressiva e bem-sucedida ou será sexualmente atrativa; as duas coisas não são compatíveis.*” (apud Nye, 1991), no caso da personagem, sua escolha foi continuar como objeto do gênero masculino.

³ O existencialismo de Sartre traz o homem não como ele é nem se concebe, mas como ele se quer após o impulso de existência, o homem mais é do que aquilo que ele faz de si, não cabendo a Deus a criação do homem. O homem enquanto ser difere das coisas inanimadas e dos demais animais, pois devido a sua consciência este passa a lançar-se rumo ao futuro, se configurando como um ser subjetivo, enquanto uma pedra é uma pedra por não possuir uma consciência sendo assim objetivo.

Pela sua consciência, o homem, torna-se mais do que aquilo que é, sendo em alguns momentos objeto de outro, enquanto não consciente de sua obrigação como capaz de se constituir como um ser, e torna-se ser quando consciente de sua responsabilidade como capaz de se diferenciar no mundo através dos seus atos. Essa corrente filosófica traz o outro na condição de opositor, pois para que o indivíduo se faça ser é necessário que exista aquele que tenciona torná-lo objeto.

Ao macho é dado o direito de existir plenamente sem precisar da anuência de forças opostas para a sugestão da sua existência e para a aquisição de um poder ilusório para a supremacia de seu gênero e tal poder lhe é dado pela visão separatista presente no sexismo inerente ao clássico discurso feminista.

Mas da mesma forma que o sexo feminino se prende a um espectro tradicional relativo ao sexo oposto, o próprio macho dominante acaba por estar preso a uma filosofia pretérita, para não dizer arcaica. O poder tanto afirmado pelas feministas como uma força opressora, favorável ao sexo masculino, também tende a facultar ao homem a falta de domínio de seus atos, preso a um paradigma que se justificou em um passado que não cabe mais no presente.

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a nega-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. (Bourdieu, 2007, p. 63)

Ao homem não lhe é dado o direito de renovação, fazendo-o estático frente às mudanças da sociedade. Quando Watson afirma a presença masculina para a construção de uma quebra com o paradigma existencialista proposto por Bouvier para o feminismo, ela se pauta na exigência de uma nova compreensão para o que seja a masculinidade na atualidade.

A crise da masculinidade contemporânea se configura a partir de um conflito identitário vivido pelo homem. No nosso entender, esse conflito se constitui a partir de dois momentos distintos: primeiro, a partir da tentativa de se manter um modelo de *identidade de gênero hegemônico* e, ao mesmo tempo, pluralista, ora baseado em modelos tradicionais ora em modelos modernos de masculinidade, e segundo, a partir da impossibilidade de sustentar essa hegemonia no que se refere às subjetividades da maioria dos homens. (Silva, 2015, p. 121).

E nesse entendimento por uma nova masculinidade, o discurso feminista, em sua qualidade contemporânea de unificador entre os gêneros, visa desfazer a condição de vítima existencial de uma qualidade anômala a sua vontade, por conta de uma questão biológica inerente a sua identidade enquanto mulher. Isso para trazer à mulher a condição de ser enquanto numa relação com o outro, deixando os dizeres pretéritos, convencionais e superficiais, em prol da construção de um novo paradigma interativo entre os gêneros.

3 CONCLUSÃO

É possível entender que o feminismo em sua totalidade busca uma transformação da sociedade concretizando-se no seu dizer como um discurso universalista. No entanto, as intenções pela defesa de direitos de uma minoria tendem em alguns pontos ao radicalismo, necessário em seu início para que haja uma imposição de novos ideais transformadores, e esse radicalismo dentro da visão feminista traz uma série de interpretações que acabam por se contraporem.

É então que o feminismo perde seu caráter universalista, exigindo uma atitude próxima ao machismo em busca de um poder arbitrário que nunca existiu como um direito

natural ao gênero masculino, e aqui a revolução presente no dizer de uma luta contra a supremacia masculina acaba, por se perder em inúmeras tentativas e erros:

[...] na luta permanente por prática coerente e teoria revolucionária, há um desenrolar, um tirar conclusões, um aumento de esperança e convicção, e depois uma decepção, uma dolorosa parada nos limites de uma orientação teórica, que por sua vez força a um novo começo [...]. (Nye, 1991, p.16)

Com isso a incompreensão de um entendimento de quais caminhos seguir, o feminismo acaba que por se perder em uma constante existencial com a necessidade daquilo que se opõe. Ficando presa a uma visão pretérita no que tange as relações intergêneros, a diferença não leva a um modo bélico com aquilo que não se faz igual. Conforme Nye a autora do livro *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir deixa claro a sua condição de não-mulher:

[...] Na introdução, Beauvoir se coloca explicitamente não como mulher, nem como feminista, mas como existencialista. Ela escapou, diz, por um feliz acaso, das limitações de ser mulher. Nunca se sentiu discriminada, sempre se considerou igual aos homens. [...]. (Nye, 1991, p.105)

Apresentado em seu dizer, o interdiscurso de que as mulheres só poderão ser mulheres se forem iguais aos homens, esse mesmo interdiscurso acaba permeando a preleção clássica presente no feminismo, reforçando a ideia de macho dominante e pondo a mulher na condição de vítima eterna de um sistema fálico. Avalizando, assim, a existência de uma tendência sexista nas relações entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GARDIN, Nanon. **Historia das mitologias do mundo**. 1ª ed. Texto e Grafia, 2011

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Editora Rocco, 1998. Disponível em <<https://docs.google.com/file/d/0B8CgHMVEFuyON3lpb0kzSDVDVjQ/edit?pli=1>> Acessado em 09/05/2015

NYE, Andrea. **Teoria Feminista e as filosofias do homem**. Record, 1991. Disponível em <<http://brasil.indymedia.org/media/2007/06/386930.pdf>>. Acessado em 14/06/2015.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção Social da Masculinidade**. Editora UFMG/IUPERJ, 2004.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

SANTOS, Larissa Linhares Vilas Boas. **O Princípio da Igualdade**. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 72, jan 2010. Disponível em: <<http://www.ambito->



Direitos Humanos, Ética e Dignidade

18 a 24 de outubro de 2015

juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7039> Acessado em 14/05/2015

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Les Éditions Nagel. Paris, 1970. Disponível em http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/1/4529/sartre_existencialismo_humanismo.pdf>. Acessado em 14/05/2015.

SILVA, Sergio Gomes da. **A crise da masculinidade: Uma critica a masculinidade e uma literatura masculinista**. Brasília, Mar. 2006, vol 26, nº1. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf>>. Acessado em 15/05/2015.

WATSON, Emma. **Discurso de Emma Watson, embaixadora da Boa Vontade da ONU Mulheres, no lançamento da campanha HeForShe**. Set. 2014. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/noticias/discurso-de-emma-watson-embaixadora-da-boa-vontade-da-onu-mulheres-no-lancamento-da-campanha-heforshe/>>. Acessado em 02/06/2015